

**MESTRES DA ORALIDADE: A ARTE DE SE ARTICULAR PARA
RESSIGNIFICAR A CULTURA DO POVOADO ROSE EM SANTALUZ/BAHIA**

Edisvânio do Nascimento Pereira¹

Resumo: Este estudo pretende refletir acerca do saber dos mestres da oralidade do povoado Rose, no município de Santaluz/Bahia. Articulados aos seus saberes e fazeres, os mestres, as OnGs² locais e regionais, viabilizaram a elaboração de vários Projetos Culturais que movimentam a comunidade. A vontade de discutir o tema emerge do olhar enquanto pesquisador e sujeito que integra estes movimentos. Busca-se fazer uma abordagem a respeito dos saberes dos mestres e será utilizada a pesquisa observação participante, com entrevista semiestruturada. Discutir-se-á a partir destas experiências e dos projetos culturais, como se dão os modos de produções artísticas e se há ressignificação da cultura do povoado Rose.

Palavras-chave: Saber oral, Mestres da oralidade, Resignificar, Cultura, Povoado Rose.

Introdução

O povoado Rose é uma área de Assentamento de Reforma Agrária, localizada na zona rural do município de Santaluz, no Território de Identidade do Sisal³, distante 258 km de Salvador. A comunidade é denominada Projeto de Assentamento Lagoa do Boi conforme dados do INCRA⁴. Entretanto, os moradores do lugar optaram por chamá-lo de Povoado Rose em homenagem a Roseli Celeste Nunes da Silva, uma líder camponesa que morreu em um conflito de terra, no início do Movimento dos

¹ Bacharel em Comunicação Social Radialismo pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB – DEDC Campus XIV – Conceição do Coité. Mestrando em *Crítica Cultural* pelo programa de Pós-graduação em *Crítica Cultural* da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – DEDC Campus II – Alagoinhas. Bolsista da FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. E-mail: edisvanionascimento@yahoo.com.br

² Organizações não Governamentais.

³ Criado em 2002, é composto por 20 municípios e ocupa uma área territorial de 21.256,50 quilômetros quadrados. Sua população é de 582.165 habitantes. Somente em 2004, a espacialidade Território do Sisal, passa a ser reconhecida oficialmente no mapa da Bahia. A divisão dos Territórios é um acontecimento recente, fruto da Política Territorial criada no primeiro mandato do Governo Lula. O Território da Cidadania é uma estratégia de desenvolvimento regional sustentável e garantia de direitos sociais voltados às regiões do país que mais precisam, com o objetivo de levar o desenvolvimento econômico e universalizar os programas básicos de cidadania. Em: <http://www.territoriosdacidadania.gov.br>

⁴ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

Trabalhadores Sem Terra (MST), década de 80, no Rio Grande do Sul. Desse modo, procura-se respeitar a importância simbólica que os moradores do Assentamento dão a essa referência e opta-se por chamá-lo também de Povoado Rose.

Convém dizer que “Mestres da oralidade: a arte de se articular para ressignificar a cultura do povoado Rose em Santaluz/Bahia”, trata-se de uma iniciativa que emerge a partir de nosso olhar enquanto pesquisador e sujeito que integra estes movimentos e tem a pretensão de fazer uma abordagem a respeito dos saberes dos mestres, por meio da pesquisa de observação participante, com entrevista semiestruturada. A ideia é discutir a partir destas experiências e dos projetos culturais, como se dão os modos de produções artísticas e se há ressignificação da cultura do povoado Rose.

Para este estudo, procuramos nos apoiar em um universo documental constantes no banco de dados do IMAQ⁵ e da LIDER⁶ Organizações não Governamentais que desenvolvem projetos culturais no povoado Rose e em áreas de assentamentos do Território do Sisal. Para este estudo, reunimos um vasto material produzido: cópias de projetos desenvolvidos na comunidade, fotos, relatórios de atividades, matérias e reportagens veiculadas na imprensa local, regional e nacional, desenhos, pinturas, roteiros de peças teatrais, xilogravuras, literaturas de cordel, contos, causos e livros produzidos através da articulação e da vivência da comunidade com instituições parceiras.

No que se refere às tradições e saberes oralizados, relembremos as contribuições do professor Michael Hanke, (s.d, p. 118) segundo o qual, “Elas são meios de sociabilidade, pois através delas as experiências individuais são comunicadas e tornadas “públicas” ou socialmente conhecidas”. É este movimento comunicacional, que dá visibilidade às atividades culturais do povoado Rose.

Para atingir os resultados almejados, é necessário haver a escolha de um percurso metodológico. Dessa forma, opta-se pela pesquisa de observação participante, com entrevista semiestruturada, para a execução deste estudo. Contudo, é importante dizer que a pesquisa de observação participante,

⁵ Instituto Maria Quitéria.

⁶ Liga Desportiva e Cultural dos Assentamentos da região sisaleira.

[...] consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste. (MARCONI E LAKATOS, 1990, p. 82),

Seguindo a mesma linha de pensamento a respeito da pesquisa observação participante, Francisco Sant'Anna, dialoga com Marconi e Lakatos. Segundo ele, tal método consiste na

[...] presença do autor não dissociada do conteúdo da pesquisa. Ela permite, contudo, que experiências, vivências pessoais, em especial sobre o processo histórico que interfere no tema seja analisado, sejam trazidas ao texto a partir de um testemunho pessoal. (SANT'ANNA, 2009, p. 76).

A propósito, cabe lembrar que, por ter uma relação histórica com o tema, desde 2006, pode trazer certa facilidade. Mas, ao mesmo tempo, faz um chamado para um trabalho mais cauteloso acerca da metodologia proposta por Marconi e Lakatos, o que nos instiga recorrer às contribuições do teórico da comunicação Marcondes Filho. Este autor define a importância do observador participante, ao dizer que consiste em não haver,

[...] como estudar a comunicação estando fora dela, como um objeto estranho, distante, em outro contexto de espaço e tempo. Por isso a área da comunicação é substancialmente diferente das outras áreas humanísticas, a lingüística, a psicologia, as ciências humanas em geral. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 152).

Procuramos um aporte teórico, a partir dos estudiosos: Stuart Hall, Hampâté-Bá, Zygmunt Bauman, e outros que nos permitem pensar a respeito do saber oral, afirmação identitária e modos de produção, como um exercício capaz de empoderar o conhecimento, construir e compartilhar saberes comum a todos, que possam ser vivenciados em diversos contextos sociais.

Cultura popular, identidade e comunidade: breves reflexões

Propomos, melhorar a nossa percepção, a respeito do uso de termos recorrentes utilizados pelos moradores do povoado Rose, a saber: Cultura Popular, Identidade e Comunidade. Recorremos a Roger Chartier (1995), que discute Cultura Popular. O autor esquematiza a conceituação e reduz a sua abordagem, sobre as diversas definições, para duas formas de interpretação:

[...] concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irredutível à da cultura letrada. O segundo, preocupado em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes. Temos, então, de um lado, uma cultura popular que constitui um mundo a parte, encerrado em si mesmo, independente, e, de outro, uma cultura popular inteiramente definida pela sua distância da legitimidade cultural da qual ela é privada. (CHARTIER, 1995. p. 179).

Chartier observa, que essas duas formas de explicação, necessariamente não se confluem, podem ocorrer também, o uso de ambas pelo mesmo autor e na mesma obra. Edward P. Thompson elucida que “o próprio termo cultura, com sua invocação confortável, de um consenso, pode distrair nossa atenção, das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto”. (THOMPSON, 1998. p. 17). Nota-se aqui, que a cultura popular é vista conforme as suas relações de forças sociais onde,

[...] há uma luta continua e necessariamente irregular e desigual, por parte da cultura dominante, no sentido de desorganizar e reorganizar constantemente a cultura popular, para cercá-la e confiar suas definições e formas dentro de uma gama mais abrangente de formas dominantes. Há pontos de resistência e também momentos de superação. Esta é a dialética da luta cultural. Na atualidade, essa luta é contínua e corre nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtém vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas e perdidas. (HALL, 2003, p. 254).

O segundo aspecto percebido constantemente nas falas dos moradores de Rose, é o uso da terminologia identidade. Acerca disso, convém-nos, evocar o teórico cultural e sociólogo jamaicano Stuart Hall. Ele diz que identidade surge de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ “[...] a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos sermos vistos por outros” (HALL, 1999, p. 39). Ainda conforme o mesmo teórico, “[...] continuamos buscando a ‘identidade’ e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude”. (HALL, 1999, p. 39).

A partir da visão de Stuart Hall, podemos notar que existe uma dificuldade, quanto à conceituação de identidade, enquanto identidade fixa, de maneira que, o sociólogo considera o termo como, “[...] demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e compreendido na ciência social contemporânea” (HALL, 2005, p. 8) e conclui dizendo ser “[...] impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer

julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas” (HALL, 2005, p. 8).

À medida que observamos o desenvolvimento das atividades artísticas, a partir do saber oral e das vivências em comunidade, por estes sujeitos que falam da preservação e da valorização de sua identidade cultural, nos leva ao encontro do pensamento de Luiz Maciel Barbosa de Oliveira, quando este se refere à identidade cultural como sendo,

[...] um sistema de representação das relações entre indivíduos e grupos, que envolve o compartilhamento de patrimônios comuns como língua, a religião, as artes, o trabalho, os esportes, as festas, entre outros. É um processo dinâmico de construção continuada que se alimenta de várias fontes no tempo e no espaço. (OLIVEIRA, 2010, p. 10).

Seguindo a perspectiva do autor citado, convém-nos observar, que aconteceu uma mudança significativa, no que se refere à capacidade de pensar o conceito de identidade. Notamos, portanto, que essa vai se transformando conforme cada período da história humana. A este respeito, o sociólogo polonês, Zygmunt Bauman (2005) alerta-nos para o fato de que as identidades “[...] flutuam no ar, algumas de nossas próprias escolhas, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”. (BAUMAN 2005, p. 19).

O terceiro, e não menos importante aspecto, observado nas falas dos moradores do povoado Rose, é o termo comunidade. Para tanto, atentamo-nos às diversas definições encontradas. Dentre elas, encontramos que comunidade humana, nada mais é que um,

[...] agregado de pessoas fundamentalmente relacionadas que vivem numa determinada localização geográfica em determinada época, partilham de uma cultura comum, estão inseridas numa estrutura social e revela uma conscientização de sua singularidade e identidade distinta como grupo. (DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 1997, p. 229)

Ressaltamos a opção pela escolha do conceito acima citado, por pensarmos que este possa ser aquele que mais se aproxima e caracteriza a comunidade de Rose. Zygmunt Bauman, nos leva a pensar a ideia de comunidade, como a que significa o “[...] entendimento compartilhado do tipo natural de tácito, ela não pode sobreviver ao

momento em que o entendimento se torna autoconsciente, estridente e vociferante [...]” (BAUMAN, 2003, p. 17). O sociólogo cita Hobsbaw para dizer que a palavra comunidade “[...] nunca foi utilizada de modo mais indiscriminado e vazio do que nas décadas em que as comunidades no sentido sociológico passaram a ser difíceis de encontra na vida real” (BAUMAN, 2003, p. 20). Neste contexto, vale salientar também que a teoria da comunidade, parte da premissa das vontades humanas,

[...] como estado originário ou natural, que se conservou apesar e através da separação empírica, manifestando-se sob múltiplas formas, de acordo com a natureza necessária e dada das relações entre indivíduos. (SILVA, 2006, apud, TÔNIS, 1981, p. 94)

Portanto, convém-nos supor, ser a partir desta concepção, que os moradores do povoado Rose, no município de Santaluz, se colocam e se definem quanto às suas ideias de comunidade.

A experiência e o saber oral dos mestres, ressignificando à cultura local

O movimento diverso e o universo de saberes e fazeres dos mestres da oralidade, articulados com as lideranças da própria comunidade, proporcionaram o estabelecimento de parcerias com Organizações não Governamentais, e assim, nasceram os projetos culturais, que permitiram a transformação de um importante acervo historiográfico e se configurou nas produções desses bens, serviços e produções culturais, cujos foram catalogados.

É importante ressaltar que muitas pessoas que integram a comunidade, não tiveram a oportunidade de ir para a chamada escola formal, para concluir o ensino médio, um curso profissionalizante ou mesmo superior. Porém, essas colocações não podem ser aplicadas aos filhos e filhas dos assentados, pois este cenário tem mudado consideravelmente, no qual, se pode observar a presença de jovens e adultos ocupando os espaços do conhecimento (escola/universidade). Trouxemos a informação acerca das pessoas que não foram à escola formal, concluir os seus estudos, para explicarmos que embora não tenham o chamado saber científico, são detentores de um vasto conhecimento, cujo chamamos aqui de “saber oral”.

O mestre da tradição oral africana, Amadou Hampâté-Bá, se refere à tradição oral, dizendo que “[...] a fala é um dom de Deus. Ela é ao mesmo tempo divina no sentido de descendente e sagrada no sentido de ascendente” (HAMPÂTÉ-BÁ, 1982, p. 155). Isso nos faz pensar que a oralidade, adquire uma importância de maior significado, ao passo que reconhecemos a palavra, como uma capacidade pertencente ao ser humano e que em qualquer lugar, ou sociedade, ela sempre precede à escrita. Nesta perspectiva, Elizeu Clementino de Souza fala sobre a narrativa, dizendo que esta “[...] abre espaços e possibilita aos sujeitos em processos de formação, partilhar experiências formadoras, sobre tempos, espaços e trabalhos biográficos [...]” (SOUZA, 2008, p.85).

Faz-se necessário dizer que, na comunidade onde, nos propomos desenvolver o estudo, notamos que as narrações dos causos, contos e histórias de vida, se revelam como processos e procedimentos da memória cultural que podem possibilitar a ressignificação da vida dos moradores do povoado Rose e ainda, se revelarem a cerca da importância da memória enquanto guardiã dos saberes da vida e da cultura de um povo. (SOUZA, 2008, p. 40).

Com a percepção e olhar voltados para as práticas articuladas pelos moradores do povoado Rose, o IMAQ desenvolveu o projeto Expressões Sertanejas⁷ e este se configurou enquanto possibilidade efetiva de revalidação, reconhecimento, valorização e divulgação das diversas práticas artístico-culturais, perpassando pela historicidade da comunidade, passando por suas vivências culturais tradicionais e indo até a criação de bens e produtos autorais. (IMAQ, 2005). Foram criados e desenvolvidos instrumentos técnico-pedagógicos, para a rememoração e valorização do patrimônio histórico-cultural da comunidade, interferindo nos processos de conscientização da identidade sócio/cultural - os mais diversos perfis artístico/culturais e matrizes históricas e socioculturais locais (IMAQ, 2005). Nesta perspectiva, nasce o Projeto Griôs⁸

⁷ Ponto de Cultura Expressões Sertanejas, convênio firmado entre o IMAQ e o Ministério da Cultura – MinC, através do Programa Cultura Viva, cujo objetivo é apoiar projetos culturais em todo país.

⁸ A palavra griot é de origem francesa, significa mestre do saber oral, e passou a ser empregada na África para conceituar os animadores públicos, ou seja, pessoas responsáveis pela transmissão de saberes para as novas gerações, através da história oral. No Brasil, a palavra foi adaptada para a nossa língua – Griot para Griô – contudo, não alterou o seu significado.

Sisaleiros⁹. Este surge, como resultado das interações empreendidas pelo Projeto Expressões Sertanejas, permitindo a reafirmação cultural firmando a história e a base formativa da população da comunidade de Rose.

Convém-nos observar que, grande parte dos Griôs da Comunidade de Rose, é formada por pessoas idosas que não são detentoras do domínio da leitura e da escrita. Entretanto, eles passam os seus conhecimentos, através da oralidade para crianças, jovens e adultos da comunidade. As atividades acontecem através de oficinas realizadas toda semana. De acordo com José Roque Saturnino de Lima¹⁰, explica que o projeto é importante para a comunidade e diz que “[...] isso tem permitido a interação entre os moradores, e também a gente vê o fortalecimento da identidade e o crescimento do valor dos saberes e dos fazeres culturais da comunidade”. (LIMA, entrevistado em 2010). Ao Corroborar com estes argumentos, o teórico africano Hampâté-Bá, se refere às tradições orais africanas e diz que,

Quando falamos em tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apóie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, principalmente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. (HAMPÂTÉ-BÁ 1982, p. 81).

Hampâté-Bá refere-se às tradições, saberes e fazeres orais como “a grande escola da vida” (HAMPÂTÉ-BÁ, 1982, p. 195). A respeito deste ponto de vista, com o olhar voltado para a cultura do saber e do fazer oral, trazemos algumas contribuições de personagens integrantes do projeto Griôs Sisaleiros. Trata-se de falas que reforçam a ideia de ressignificação da cultura local e a afirmação identitária do Povoado Rose. Diz a entrevistada:

Eu acho assim, de uma grande importância, porque agente tá percebendo que a cultura tá se perdendo, e com essa oportunidade agente tá trazendo de mostrar aos jovens e as crianças, a cultura de

⁹ O termo sisaleiro é derivado da palavra sisal, planta nativa da caatinga do qual é extraída a fibra para confecção da corda de sisal e outros derivados.

¹⁰ Formado em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia, através do PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária). Morador do Povoado Rose desde a ocupação e implantação do Assentamento. É poeta, cordelista e contador de causos. Diretor da Liga Desportiva e Cultural dos Assentamentos e integrante de diversos Conselhos municipais e estaduais, dentre eles, o de Cultura. Exerce a função de Griô aprendiz, trabalhando oficinas de contações de causos, elaboração de cordel, xilogravuras, peças teatrais, composições musicais e organização dos materiais coletados para o acervo cultural da comunidade e do projeto.

XII ENECULT

ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

nossos pais de nossos avós, fazer com que eles conheçam mais essa cultura, que hoje agente percebe, que estava se perdendo, e é muito importante a forma que vem sendo mostrada, através da cultura tá buscando também, trazer o jovem a criança para uma vida melhor, assim, na educação deles poder, entender que a cultura é uma coisa muito importante para a educação também da juventude e até mesmo dos adultos que às vezes estavam também se perdendo. (V.M.S¹¹. ENTREVISTADA EM 2009).

A partir do ponto de vista da entrevistada, podemos dizer que é possível notar a sua satisfação, por fazer parte do Projeto Griôs Sisaleiros, além da demonstração do sentimento de pertencimento, ao enfatizar a importância do mesmo, ao usar a afirmação “para uma vida melhor”. Outro aspecto bastante significativo, na fala de Dona V.M.S, é que ela ressalta com certo entusiasmo, a oportunidade outorgada aos mestres, a partir do projeto, para que eles possam mostrar às crianças e jovens, as suas manifestações culturais, que vem dos seus antepassados, o que segundo ela, estava se “perdendo”.

Ao observar a narrativa da entrevistada, é possível perceber que a mesma se refere ao Projeto, como um instrumento, o qual, segundo as suas palavras, tem contribuído para a valorização da cultura local. Isso nos remete a pensar, ao analisar as suas colocações, que o Projeto possibilitou a amostra dessa cultura e fez com que outras pessoas em especial, os mais jovens se apropriassem destes saberes e não os deixassem se perderem.

Chama-nos a atenção, quando Dona V.M.S, se refere ao Projeto como um meio que pode “trazer o jovem e a criança para uma vida melhor”. A este sentido, analisamos que a entrevistada se refere ao comportamento das crianças e jovens, que, com o andamento das atividades culturais, começam a participar e ocupar-se de atividades que permitem o acesso ao conhecimento, possibilita o seu desenvolvimento e com isso, pode contribuir para evitar que eles se encaminhem, por exemplo, para o mundo das drogas, risco este, já presente nas comunidades rurais de Santaluz.

Na medida em que a entrevistada trata de aspectos relacionados à educação, podemos pensar que, a partir do projeto, há uma movimentação que permite os jovens

¹¹ Sempre viveu exercendo as atividades de dona de casa, agricultora e artesã, mas segundo ela, nunca deixou de amar uma boa cantoria, o samba de roda e o reisado. Na época da entrevista ela tinha 62 anos, morava no Projeto de Assentamento de Reforma Agrária Mucambinho, onde vive até hoje e desenvolvia as atividades de Griô, em sua área de assentamento, bem como, no Povoado Rose, sendo uma das responsáveis pelas oficinas de literatura, cantorias e músicas locais, artesanato e agricultura orgânica

entenderem que a cultura é importante para a educação e formação dos sujeitos. Por fim, percebemos na narrativa de Dona V.M.S, que com a presença do Projeto surge também um sentimento de pertencimento, haja vista que, os jovens e adultos começam a se inserir e participar, interagindo com os Mestres, fazendo desse modo, com que estes saberes, não se percam e sejam repassados para as gerações que vão surgindo.

A segunda entrevistada, fala a respeito do desenvolvimento das suas atividades no Projeto, bem como, quanto a sua relevância para a comunidade,

[...] como eu trabalho com crianças de oito anos, é eles não tem esse conhecimento, e eu estou transmitindo para eles, então eu acho muito bom. Porque agente sabe que na zona rural às vezes, tem muita família que tem dificuldade na sobrevivência, né? E com esse ponto, de cultura de alimento, eu acho que acaba a maioria da fome, porque agente usa tudo que agente tem na roça é usado, a casca do aipim, a casca da banana, a folha do aipim, a folha da batata, da abóbora, enfim tudo é aproveitado. [...] E hoje agente tem o prazer de passar isso para os meninos, pois a alimentação deles vai ser bem melhor e agente sabe que desnutrição vai acabar. A desnutrição do corpo e da mente. (M.J.D.M¹², ENTREVISTADA EM 2007).

A narrativa da entrevistada faz-nos perceber que, o trabalho por ela desenvolvido, trata-se de uma atividade interessante, sob o ponto de vista do desenvolvimento da comunidade. Na engrenagem do projeto, ela desempenha o papel importante de repassar os seus conhecimentos de arte culinária, se apropriando da matéria prima existente, na roça da comunidade. Ela nos permite perceber também, a diversidade de saberes e fazeres dos mestres, ao desempenharem suas funções. A entrevistada revela receitas que utiliza para a confecção de pratos, se apropriando de produtos que estão ali mesmo na sua área de convivência, sem a preocupação de comprar ingredientes industrializados. A mestra, além de trazer-nos aspectos bastante significativos no tocante à cultura, à preservação dos seus valores e conhecimentos, faz-nos perceber também, o comprometimento com o bem estar, saúde e com a qualidade de vida dos moradores da comunidade.

¹² Desde a instalação do Assentamento em 1989 ela reside na comunidade de Rose. Durante a sua vida dedicou-se ao Ofício de parteira por muitos anos, quando muitas mães ainda não tinham acesso aos hospitais da cidade, era ela que socorria as mães que entravam em trabalho de parto e muitas crianças do assentamento e de regiões vizinhas nasceram sob os seus cuidados. Sempre foi dona de casa, adoradora das cantigas de roda, se dedicando inclusive a compor algumas destas cantorias. No Projeto exerce a atividade de Griô responsável pelas oficinas de culinária regional e alternativa, fototerapia, benzedeira, música de raiz e artesanato em fibra de sisal e pindoba.

Conforme descreve em sua narrativa, Dona M.J.D.M, nos possibilita refletir acerca do Projeto Griôs Sisaleiros, como um instrumento comprometido com a melhoria das condições de vida dos moradores do Rose, por incentivar o desenvolvimento de atividades, utilizando-se de recursos naturais existentes na própria área do assentamento. Na medida em que, as oficinas vão acontecendo, as crianças capacitadas pela entrevistada, se apropriam de conhecimentos ligados à arte-culinária e assim, estes saberes se multiplicam e se ressignificam.

Contudo, chama ainda a atenção uma frase da entrevistada, quando diz “[...] a gente sabe que a desnutrição vai acabar. A desnutrição do corpo e da mente”. Utilizemo-nos da frase da entrevistada, para metaforizar pensando também que a partir da existência do projeto, o risco do desaparecimento dos saberes seja reduzido significativamente, por compreendermos que este tem contribuído para a vivacidade dos saberes orais dos seus mestres, que estão repassando para os mais jovens.

Outro entrevistado, José Roque Saturnino de Lima, destaca os impactos do Projeto, na comunidade, no que tange à ressignificação da identidade cultural do Rose,

[...] o principal impacto que tem trazido para as comunidades, tem sido a reapropriação da identidade cultural das pessoas que por motivo do avanço tecnológico, da cultura artística considerada de massa e o modismo passou muito tempo negando suas raízes culturais e vendo seu principal bem sendo esmagando. [...] pudemos concretizar um sonho comunitário de refazer a história cultural da comunidade era o momento de trazer de volta as rodas de contação de causos, de reinventar a vida, de integrar a comunidade. [...] partindo da nossa realidade. Um povo sem “memória” é um povo que aos poucos vai perdendo sua verdadeira identidade, [...] vimos crianças e adolescentes mobilizando os líderes e mestres da comunidade para escrever, por no papel a história da comunidade, transformar em peça de teatro, em artes plásticas, em cordel, xilogravura, letras de músicas dentre outros ramos do conhecimento. (LIMA, ENTREVISTADO EM 2010).

A sua fala, aponta para uma perspectiva inovadora, onde apesar das dificuldades enfrentadas, puderam concretizar o sonho comunitário de “refazer” a história da comunidade cultural. Dessa forma, é seguro dizer que, com a chegada do Projeto, a comunidade passa a revivificar a sua própria história. Percebe-se também, o cuidado em pautar sempre a realidade da comunidade. A este sentido, observamos que os idosos, os donos de muitos saberes oralizados, estavam desmotivados, sem ânimo para sair de suas casas. Entretanto, a partir do projeto, surge a oportunidade de dar-lhes voz e de estas vozes, ecoarem e repassarem saberes para os mais jovens. Tornando-se então, um ambiente de trocas de saberes e de vivências de experiências.

José Roque ao dizer que “[...] Um povo sem memória é um povo que aos poucos vai perdendo sua verdadeira identidade [...]” E ao enfatizar que crianças e adolescentes mobilizaram os líderes e mestres da comunidade para escrever, permite-nos dizer que a presença do projeto, aliado às vontades e aos saberes dos mestres ressignificam a cultura da comunidade e traz de volta o sentimento de pertença quanto à sua identidade.

Neste mesmo contexto, observa-se as colocações do Mestre seu P.I.C o qual faz revelações bastantes significativas, que nos permite termos uma ideia de como era a vida destes senhores antes e após o Projeto.

[...] ói... eu posso dizê qui eu andava meio desanimado, meio... Meio triste até. As veis sentia um desânimo danado. Num tinha alegria mais. Até meu cavaquinho, eu pouco bulia nele. Sabe? Mas tu vê? Adespois que nós cumecemos fazê as roda de prosa, os movimento... (emocionado) a despois que vimos com a associação, com o IMAQ. Adespois que chegou os projeto, esses, esses projeto, feis com que nós saísse de casa, nós visse que nós sabemos um bocado de coisa boa e que nós pode passar pros meninos. Então, é muito bom! Nós hoje já vê a comunidade, os menino, as menina, o povo, os véios saindo das casa pra mode tá com a gente. Hoje, pego no meu cavaquinho com alegria, toco, ensino, faço cantoria e me sintino alegre demais. Home! Isto é bonito demais! Fico muito sastifeito [...]. (P.I.C ¹³, ENTREVISTADO EM 2010).

Com o depoimento de seu P.I.C, podemos perceber dois cenários existentes no povoado Rose, o primeiro, antes das movimentações e chegada dos projetos, onde, havia desmotivação, principalmente dos senhores, por não terem atividades para realizar e já não reunirem condições de ir ao trabalho da roça, se encontravam recolhidos em suas casas, se sentindo isolados, correndo risco inclusive de contrair doenças em função da sua baixa estima.

O segundo aspecto, é que, com a chegada dos projetos culturais, estimula-se, uma movimentação bastante significativa, onde os moradores passam a participar de atividades culturais, cada um mostrando as suas habilidades, organizando as rodas de conversa, as rodas de samba, as contações de histórias entre outras. E neste movimento, são inseridas pessoas de todas as faixas etárias, o que torna ainda maior o saber e o fazer dos moradores do povoado Rose.

Frente a estes depoimentos, podemos notar a existência de avanços consideráveis na comunidade, quanto aos modos de produções artísticas, levando-nos a

¹³ Morador do assentamento desde 1989. Na época da entrevista tinha 70. anos. Lavrador aposentado. Atua com Contações de causos e histórias da região, instrumentista, rezas, músicas e cantorias.

crer também que, diante dessa diversidade de movimentações, têm contribuído para a ressignificação da cultura do Povoado Rose no município de Santaluz.

Breves considerações

Ao concluirmos este estudo, podemos constatar que a partir do saber e do fazer oral presentes na comunidade Rose em Santaluz, através da articulação destes, aliados às suas capacidades de estabelecimento de parcerias, bem como, os seus modos de produções artísticas, contribuem para a ressignificação da cultura local, na busca de uma afirmação identitária de seus moradores.

Verificamos nos moradores de Rose, a compreensão de que para se viver em comunidade, existe a necessidade de haver o partilhamento de ideias e objetivos numa perspectiva de coletividade. Eles têm procurado fazer acontecer a implementação de projetos, que visam colaborar para o fortalecimento da vida social, cultural e comunitária de sua respectiva localidade.

É importante ressaltarmos também, que podemos observar na maioria dos habitantes da comunidade Rose, os seus acessos às mais diferenciadas formas e estilos de vida. Esses tipos de comportamentos não fazem com que se percam de si mesmos, pois, eles conseguem se reconhecer enquanto sujeitos de um tempo e de um espaço, cujos são detentores de características peculiares dos seus lugares. Estas marcas estão presentes no povoado Rose, nosso lugar de estudo.

Esses tipos de comportamentos permitem ressignificar os seus valores identitários e culturais locais, sem que haja perdas, quanto a sua história de vida e seus modos de produções, sem negar ou esquecer a história dos seus antepassados. Este estudo aponta que o movimento cultural da comunidade, possibilita uma diversidade de significados para a cultura e a vida da comunidade pesquisada. Mas ao mesmo tempo, sugere-nos que em futuros estudos, possamos ir mais a fundo, e investigar quanto às experiências dos mestres da oralidade, suas artes de se articularem, na tentativa de dar novos significados à cultura do povoado Rose em Santaluz/Bahia.

Referências

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. RJ: Jorge Zahar, 2001. COELHO, Teixeira. Dicionário crítico de política cultural. SP: Iluminuras, 1997.

CHARTIER, R. **Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico**. Estudos Históricos, n.16, p. 179-192, 1995.

DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. Rio de Janeiro: FGV, 1987

HANKE, Michael. Narrativas orais: formas e funções. Disponível em <<http://www.revistas.univerciencia.org>>. Consulta em 29 de abril de 2010.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade**. trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HALL, S. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardiã Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HAMPATE-BA, A. Tradição viva. In: KIZERBO, J. **História geral da África: metodologia e pré-história da África**. São Paulo: Ática/Paris, UNESCO, 1982.

IMAQ. Instituto Maria Quitéria. **Projeto Expressões Sertanejas**. Feira de Santana-Ba. IMAQ, 2005. 28p.

_____. **Projeto Griôs Sisaleiros**. Feira de Santana-Ba: IMAQ, 2007. 27p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos da metodologia científica. 3ª São Paulo: Atlas, 1991.

MARCONDES FILHO, Ciro. Para entender a comunicação: contatos antecipados com a nova teoria. São Paulo: Paulus, 2008.

SANT'ANNA, Francisco. Mídia das fontes: um novo ator no cenário jornalístico brasileiro: um olhar sobre a ação midiática do Senado Federal. Brasília: Senado Federal Subsecretaria de Edições Técnicas, 2009.

SILVA, Maria Helena Teixeira. **A (Des) articulação entre escola e comunidade: as implicações para o desenvolvimento local no município de Santaluz (2000-2004)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) Universidade do Estado da Bahia UNEB – Salvador.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Modos de narração e discussão de memória: biografização, experiências e formação**. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.) (Auto) Biografia: formação, territórios e saberes. Natal; EDUFRN; São Paulo: PAULUS, 2008, p. 86-101.



Entrevistas

LIMA, José Roque Saturnino de. Entrevistado, 2010. Entrevistador: Edisvânio do Nascimento Pereira. Santa Luz, 2010. Gravador digital estério zoom. Entrevista concedida para o programa Expressões Sertanejas da Rádio Comunitária Santa Luz FM.

M.J.D.M. Entrevistada, 2007. Entrevistador: Edisvânio do Nascimento Pereira. Santa Luz, 2010. Gravador digital estério zoom. Entrevista concedida para o programa Expressões Sertanejas da Rádio Comunitária Santa Luz FM.

P.I.C. Entrevistado, 2010. Entrevistador: Edisvânio do Nascimento Pereira. Santa Luz, 2010. Gravador digital estério zoom. Entrevista concedida para o programa Expressões Sertanejas da Rádio Comunitária Santa Luz FM.

V.M.S. Entrevistada, 2009. Entrevistador: Edisvânio do Nascimento Pereira. Santa Luz, 2010. Gravador digital estério zoom. Entrevista concedida para o programa Expressões Sertanejas da Rádio Comunitária Santa Luz FM.